

O rapel depois da escalada

Nos últimos anos, temos acompanhado tristes notícias de acidentes durante o rapel que ocorre após a escalada. Esses acidentes não foram os primeiros e, infelizmente, não serão os últimos. Portanto, cabe a cada um de nós fazer o máximo para a redução desse número.

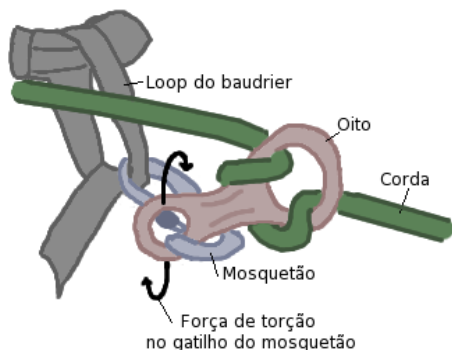
Sabemos que o rapel é a parte mais perigosa da escalada, pois os escaladores relaxam na descida e, então, prestam menos atenção aos procedimentos, o que aumenta a chance de cometerem erros. Portanto, antes de descer, sempre confira duplamente o sistema, checando se:

- você fez o nó nas pontas da corda (pode ser o nó de frade);
- o mosquetão e o freio estão realmente no loop do baudrier;
- você fez um nó auto-blocante (prussik ou marchard);
- a corda está passando corretamente no freio (nesse momento, use as duas mãos para segurar na corda, uma abaixo e outra acima do freio, e projete-se para cima, como se fosse de encontro ao grampo, puxando a corda. Depois, veja se sua solteira ficou frouxa e se a corda está tencionada. Nesse instante, você acabou de fazer a transferência de peso).

O nó auto-blocante merece duas observações. Primeira: se você está acostumado a fazê-lo acima do freio, então não coloque a mão em cima dele (do nó) durante a descida, pois, em momento de tensão, nós tendemos a segurar as coisas e, nesse caso, segurar o nó pode impedir seu travamento; então, posicione a mão na corda, acima do nó. Segunda observação: se você faz o nó abaixo do freio, prendendo-o na perna do baudrier, então use um cordelete mais curto, pois o nó só vai travar se o cordelete estiver; o cordelete longo vai encostar no freio e não vai esticar, logo o nó não vai travar.

O tipo de freio também merece algumas observações. O Oito é um freio ainda muito utilizado, talvez por ter menor custo, mas é relativamente pesado e torce a corda. Com uma corda torcida ('encocada'), fazer segurança para o guia da cordada e rapelar pode desviar nossa atenção do objetivo principal para nos entreter com o desembolar da corda, o que não é bom. O ATC, ou outro freio similar, torce bem menos a corda e é mais leve. Bom, se você usa o Oito, tenha um cuidado especial com o conjunto Oito-Mosquetão. Veja na Figura 1 que, dependendo da posição do Oito, o olhal menor pode exercer uma força no gatilho do mosquetão e provocar: (a) o rompimento da rosca, (b) a abertura do mosquetão e (c) o escape do freio. Lembre-se de que o propósito da rosca do mosquetão é evitar aberturas acidentais do gatilho, e não suportar forças aplicadas sobre ele. Acidentes dessa natureza já foram constatados pelo comitê de segurança do UIAA.

Figura 1: Força aplicada no gatilho do mosquetão



O rapel depois da escalada (continuação)

Depois de ter conferido duplamente o sistema, é hora de descer. Como você já fez a transferência de peso (passo 4), tire a solteira e coloque-a no mosquetão do freio para você ter um backup do loop. Durante a descida, evite descer rapidamente e não dê trancos na corda, pois além de aquecê-la, o grampo também será mais exigido. Ao chegar na próxima parada, a primeira coisa a fazer é se ensolteirar, pois quando chegamos num platô por exemplo, temos a falsa sensação de segurança e podemos enganosamente ser levados a nos desencordoar antes de nos ensolteirar.

Alguns escaladores gostam de unir duas cordas para diminuir o número total de rapéis, o que dá a impressão de economia de tempo. Por outro lado, há mais corda a ser puxada, aumentando o atrito e a probabilidade de ela se prender em algum grampo e de causar mais impacto à vegetação. Em alguns casos, no entanto, é necessária a união de cordas e você deve saber fazer o nó para esse fim.

Em São Paulo e Minas Gerais, algumas vias estão equipadas com chapeletas e, devido à quina desse material, os escaladores optam por passar um cordelete fechado na chapeleta e passar a corda por ele (esse cordelete será abandonado depois do rapel). Para isso, é imprescindível que o nó do cordelete (pescador duplo) esteja bem feito e que você tenha certeza de que ele esteja confeccionado de maneira correta. Em caso de dúvida, use um mosquetão, pois sua vida está ali.

Saber dos perigos aos quais estamos expostos é a melhor forma de poder evitá-los. Devemos sempre ter em mente que um grupo é tão forte quanto seu elemento mais fraco. Portanto, fique atento também ao seu companheiro, seja ele um guia ou um participante. E vamos diminuir as estatísticas!

Carlos Penedo
(carlosfpr@gmail.com)



A AMADARCY e a Reserva Darcy Ribeiro

Criada em 1997, a Reserva Darcy Ribeiro é o coração verde de Niterói. A unidade de conservação ocupa 10% do território do município, uma área estimada em 12,4 quilômetros quadrados, abrangendo os bairros de: Pendotiba, Piratiniga, Itaipú, Rio do Ouro, Vázeas das Moças e Engenho do Mato.

Atualmente tramita na Prefeitura de Niterói uma proposta para adequar a reserva ao SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação, e a AMADARCY está empenhada na sua efetivação. Todo o histórico do trabalho pela preservação da reserva é resumido a seguir:

Dez. 2002 – Grupo de Condomínios da Região Oceânica entregou ao Prefeito de Niterói da época, Sr. Godofredo Pinto, um estudo sobre a importância de se instalar um trabalho de conservação para a área desta Unidade de Conservação.

2003 – Este Grupo organizado informalmente, representando a Sociedade Civil instalou um processo no Ministério Público, perante a falta de ações por parte da Prefeitura que garantissem a Conservação da área da Reserva.

2004 – Como fruto das investidas da Sociedade Civil organizada, o trabalho ganhou maiores dimensões, formou-se então o Movimento pela Preservação da Reserva Darcy Ribeiro, uma representação ainda informal. A questão começou a caminhar mais efetivamente na Secretaria de Meio Ambiente, esta formou um Grupo de Trabalho em setembro de 2004 com membros da SMARH e da Secretaria de Urbanismo, para adequar a REMDR ao grupo das Unidades de Proteção Integral que prevê o Art. Oitavo do SNUC (sistema Nacional de Unidades de Conservação). Em um workshop promovido pela SMARH em dezembro de 2004, em torno da questão da Reserva, foi criado oficialmente um Comitê Executivo com 9 integrantes incluindo a participação oficial da Sociedade Civil na gestão dos assuntos da Reserva.

2005 - Em 10 de maio de 2005, este GT apresenta em uma Reunião Pública no Auditório da Prefeitura a proposta de criação do Parque Natural Municipal Darcy Ribeiro e ARIE (Área de Relevante Interesse Ecológico), duas categorias distintas de Unidade de Conservação para a área da Reserva Darcy Ribeiro.

Em 18 de maio de 2004 o Comitê Executivo delibera com o apoio da maioria de seus membros parecer apoiando a proposta apresentada pelo GT em 10/05/2005. Logo em seguida é formado oficialmente um novo GT como o objetivo de formatar os Projetos de Lei do Parque Natural Municipal e ARIE Darcy Ribeiro. Este GT é formado de membros da SMARH, Secretaria de Urbanismo, PGM e Comitê Executivo da Reserva.

2006 – No início de 2006 foi contratada a empresa Ecologus para fazer o Plano de Manejo que incluiria um Diagnóstico sócio-ambiental da área da Reserva. Em paralelo o GT trabalhou em seu propósito, em novembro de 2006 apresentou a formatação do Projeto de Lei que criaria a o Parque Natural Municipal Darcy Ribeiro, ficando a criação da ARIE Darcy Ribeiro em aberto até que se estabelecessem os parâmetros para a formatação deste Projeto de Lei. Neste momento o Comitê Executivo estabeleceu que os dois Projetos de Lei teriam que caminhar juntos e a questão deixou de avançar.

2007 – Observando a inatividade do GT, em março de 2007 o Movimento pela Preservação da Reserva Darcy Ribeiro, inicia o processo que em outubro criou uma representação formal para a questão da RDR, a AMADARCY – Associação de Amigos do Parque Natural Darcy Ribeiro. A AMADARCY deu continuidade à dois trabalhos que já estavam em andamento, "Conhecendo o Rio Jacaré" e o "Plano da Trilha da Pedra do Cantagalo". Em paralelo o Vereador Felipe Peixoto instalou uma comissão na Câmara de Vereadores para acompanhar os trabalhos do Município sobre as propostas para a área da Reserva Ecológica Municipal Darcy Ribeiro. Foram realizadas 2 Audiências Públicas e os Secretários Municipais de Urbanismo e de Meio Ambiente foram solicitados à se apresentarem à esta casa para relatar o andamento dos trabalhos. Em dezembro aconteceram as últimas reuniões na Câmara de Vereadores e deixaram um saldo positivo para ser trabalhado em 2008.

Mais informações em: <http://paginas.terra.com.br/educacao/reservadarcy/>
Contato através do email: reservadarcyribeiro@globo.com



Grampeando com Leandro Pestana

Segue a dica para um batedor!

Punhos (batedores) para conquista são muito caros, vou relatar aqui como fabriquei o meu próprio punho sem gastar nada. Coloquei dicas para aqueles que resolverem tentar fabricar o seu não cometerem alguns pequenos erros que na prática vi que eu poderia ter evitado.

Vamos lá:

Eu usei um tarugo cilíndrico maciço de aço de 14cm de comprimento e 2,5cm de diâmetro como matéria prima. Sugestão: Ficou muito bom o tamanho, mas na prática percebi que 12cm já seria suficiente e reduziria o peso. O diâmetro achei excelente.

No centro de um dos lados do tarugo fiz um furo de 4,5cm de comprimento e 1,0 cm de diâmetro para a entrada da broca (estou usando uma SDS-Plus 12mm, porém cabem outras). Sugestão: Faça o furo com 6,0 cm de comprimento, pois aliviará mais o peso do punho, encurtará o sistema (punho+broca) e lhe dará mais segurança na hora de dar porrada.

Neste mesmo lado do tarugo fiz um furo de 5,0mm a 2,5cm da extremidade onde coloquei um parafuso de mesmo diâmetro para "travar" a broca no cabo. Eu fiz a 2,5cm pq eu fiz o furo com 4,5cm de comprimento, mas se você vier a fazer seu batedor e usar minhas dicas de fazer com 6,0 cm ao invés de 4,5 deverá alterar também a distância deste(s) furo(s) de modo que o parafuso encontre com o furo pra fixação que tem na "bundinha" da broca. Sugestão: Faça 2 furos (um em oposição ao outro) ao invés de apenas 1.

A 2,5 cm da outra extremidade do tarugo fiz um furo de "fora-a-fora" de 6mm de espessura para passar um cordelete e prender o punho e evitar que ele caia durante o uso.

O batedor em si é isto, mas coloquei uma manopla de moto para proteger a mão. Tiver que cortar uma parte da manopla pq ela não caberia completa. Sugestão: Compre a de maior aba possível pq protege mais daquelas marteladas erradas que por ventura possam atingir sua mão. As manoplas de motos são vendidas apenas em pares, porém ao contrário das bicicletas, elas não têm o mesmo diâmetro porque a manopla que irá pro acelerador deve ser mais larga. Sugestão2: Use a manopla mais apertada pq dificulta que ela corra quando você estiver usando o batedor. Sugestão3: Se a manopla não entrar nem com óleo, dê uma esquentada que ela entra facinho. (mas cuidado pra não esquecer no fogo e ela derreter...risos...)

Bem...Foi isso que fiz. Consegui meu punho sem gastar \$\$\$ com isso.

Nunca usei um punho destes comprados em lojas por isto, não posso fazer comparações, mas posso dizer que está me servindo perfeitamente.

Mas pra quem achar que não vale a pena fazer ou não tiver paciência pra isso e quiser comprar um punho pronto, existem alguns modelos disponíveis no mercado. Da tramontina tá R\$60 (não lembro se tem lugar pra cordelete), de outra marca de escalada que não lembro qual está R\$124 e da Petzl está R\$ duzentos e tal.

Aí fica por conta de cada um decidir.

Não esqueçam de divulgarem suas conquistas no CNM.

LeandroPestana
(leandronikity@yahoo.com.br
www.fotolog.com/leandronit/)